

Variação sociolinguística na fronteira entre Brasil e Paraguai

Importância para a guerra eletrônica

*Daniel Seixas da Silva**

Introdução

De acordo com NETO e MORELLO (2011), mesmo com o advento da globalização, queda de barreiras como o muro de Berlim e término de aduanas fronteiriças, com destaque para a União Europeia, as fronteiras entre os países no mundo ainda existem. Além das fronteiras políticas, algumas demarcadas com barreiras físicas, existem ainda as fronteiras econômicas, culturais e linguísticas.

Dentro da América do Sul, o Brasil se destaca, entre outros aspectos, pela grande área territorial que possui, e isso traz como consequência a imensidão de sua faixa de fronteira, onde faz limite com todos os países sul-americanos, exceto Equador e Chile. Dentro desse cenário, o Brasil se diferencia dos demais países pelo idioma oficial, o português, sendo o único país do continente que possui essa característica.

O tema escolhido para este artigo foi justamente o estudo das variantes dialetais das áreas de importância para a Guerra Eletrônica (GE). A escolha foi baseada no inte-

resse pelo idioma espanhol e suas variantes para áreas de interesse da GE, principalmente na larga região de fronteira que nosso país possui. O estudo foi delimitado para uma região específica, a de Ponta Porã-MS, fronteira entre Brasil e Paraguai, onde há grande permeabilidade entre os países. Então, como o estudo da variação sociolinguística dessa região pode ser importante para a Guerra Eletrônica?

A implantação do Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON) foi iniciada em Mato Grosso do Sul, mais precisamente na área sob a responsabilidade da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Esse sistema foi concebido por iniciativa do Comando do Exército, em decorrência da aprovação da Estratégia Nacional de Defesa, em 2008, e tem o propósito de fortalecer a presença e a capacidade de ação do Estado, promovendo a redução dos crimes na faixa de fronteira com uma eficácia mínima que garanta a expectativa desejada pelos brasileiros (BRASIL, 2013).

Os reflexos dos crimes transfronteiriços repercutem diretamente no aumento de crimes em todas as regiões do território na-

* Cap Com (AMAN/06, EsAO/15); extensão em Manutenção de Comunicações (EsCom/09) e Curso Básico de Guerra Eletrônica para Oficiais (EsCom/13). Foi instrutor da Escola de Comunicações, em 2010. Atualmente, é instrutor do Curso de Comunicações da EsAO.

cional, desestruturando famílias e aumentando gastos do Governo com saúde e segurança pública. De acordo com os dados estatísticos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e nos levantamentos do Departamento Penitenciário Nacional, sobre a população carcerária, estima-se que o custo anual mínimo da violência decorrente do narcotráfico gira em torno de 54,2 bilhões de reais (FIEP, 2014).

Para o Exército, o SISFRON deverá incrementar a capacidade de monitorar as áreas de fronteira, produzir informações confiáveis e oportunas para a tomada de decisões bem como atuar prontamente em ações de defesa ou contra delitos transfronteiriços e ambientais, em cumprimento aos dispositivos constitucionais e legais que regem o assunto, em operações isoladas ou em conjunto com as outras Forças Armadas ou, ainda, em operações interagências, com outros órgãos governamentais (EPEX, 2017).

Conforme o manual de campanha C 34-1 *Emprego da Guerra Eletrônica* (2009), as

atividades de GE desenvolvidas pela MAGE (Medidas de Apoio de Guerra Eletrônica) e pela Inteligência do Sinal constituem uma valiosa fonte de informação e produção de conhecimento. Essas ações estão inseridas no contexto do SISFRON e são fundamentais para o desenvolvimento do sistema, em virtude da larga extensão dos limites a serem cobertos e da dificuldade em se realizar uma fiscalização eficaz nessas áreas.

Em Ponta Porã, há pelo menos três idiomas identificados pelos operadores de GE: português, espanhol e guarani. Esses idiomas podem variar na forma de se escrever ou se falar, resultando, assim, em dialetos locais. Além disso, esses dialetos podem ser oriundos da mescla de dois ou até mesmo três idiomas, formando novas maneiras de se expressar conhecidas somente pela população local.

O artigo busca evidenciar a variação sociolinguística existente na fronteira entre Brasil e Paraguai, especificamente em Ponta Porã-MS, demonstrando a importância des-

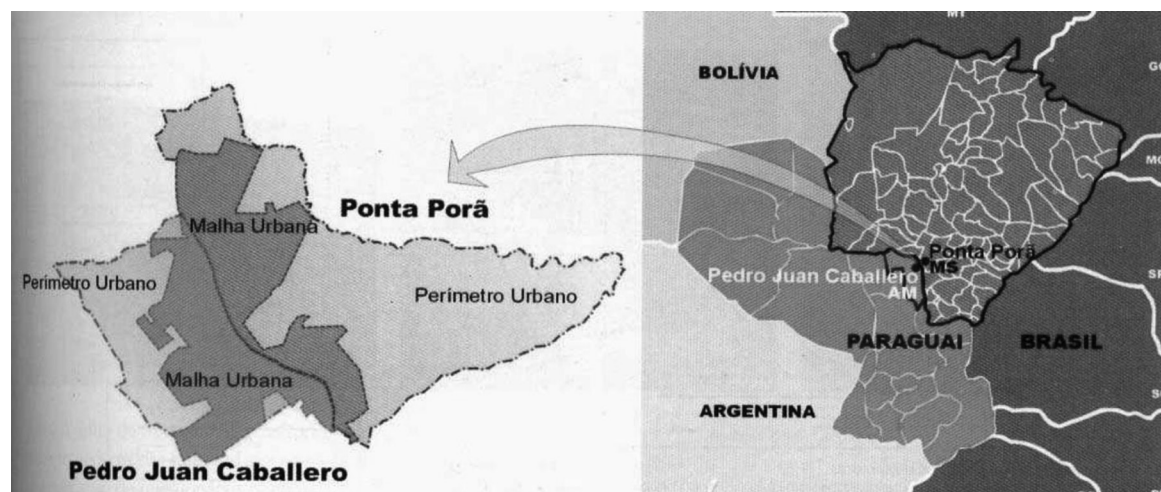


Figura 1 – Mapa das municipalidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã

Fonte: TORRECILHA (2004)

se estudo para o melhor aproveitamento das atividades de Guerra Eletrônica na região e ajudando ao operador e ao analista de Guerra Eletrônica a aperfeiçoar seus trabalhos naquela área.

Para desenvolver o trabalho, foi adotado o método de pesquisa qualitativa, que, conforme OTERO (2006),

é uma pesquisa indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, ideias, entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos preconcebidos.

Foram realizadas entrevistas com oficiais e praças da Arma de Comunicações do Exército, que serviram no Comando Militar do Oeste e travaram contato com a região de fronteira em questão. Também foi considerada a experiência desses militares com a atividade de Guerra Eletrônica ou de Inteligência do Sinal: no mínimo, eles possuem o Curso Básico de Guerra Eletrônica como especialização.

Além disso, como não houve a oportunidade de ir ao local em questão para ouvir os diferentes indivíduos brasileiros e paraguaios, foram ouvidas rádios comerciais através da internet. Foram escolhidas duas rádios da cidade de Ponta Porã (Líder FM 104,9MHz e Nova FM 96,9MHz), e três rádios de Pedro Juan Caballero (Sin Fronteras FM 98,5MHz, Cristiana Atalaya FM 96,1MHz e Mburucuyá AM 980KHz).

Desenvolvimento

As fronteiras brasileiras possuem uma extensão de 23.105 quilômetros, sendo

15.735 quilômetros de fronteiras terrestres e 7.367 quilômetros de fronteiras marítimas, segundo TORRECILHA (2004). O Brasil é o país que faz fronteira com mais países da América do Sul: são 10 no total. De acordo com o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF – (Ministério da Integração, 2009), a faixa de fronteira brasileira corresponde a 27% do território nacional, abrangendo 588 municípios em 11 estados e uma população estimada em 10 milhões de habitantes.

As cidades de fronteira possuem grande complexidade em relação às suas barreiras, uma vez que, para dividir uma cidade da outra, ou seja, um país do outro, existe a necessidade de um limite. Dentre as regiões do Estado do Mato Grosso do Sul que mais apresentam diversidades culturais e linguísticas, destacam-se as regiões de fronteira. Ponta Porã, no estado de Mato Grosso do Sul, e Pedro Juan Caballero, no departamento de Amambay, repartem uma estreita faixa de terra correspondente ao limite de fronteira entre Brasil e Paraguai. Juntas, as cidades se encontram entre as principais conurbações fronteiriças da América Latina.

Região de fronteira Brasil-Paraguai

Entre o Brasil e o Paraguai, não há elemento físico que constitua uma barreira. Um viajante desavisado poderia facilmente adentrar o outro país sem se dar conta disso. Nas áreas rurais, é mais difícil ainda identificar em que lado da fronteira se encontra. Nas áreas urbanas, as principais diferenças remetem às divergências econômicas e aos poderes dos Estados. Línguas, escolas, bandeiras, hinos, tarifas aduaneiras, entre outros, são os

símbolos que definem a identificação entre o indivíduo e a superfície do lugar.

Ponta Porã faz fronteira seca por meio de uma linha de quase 14 quilômetros de extensão na área urbana com a cidade paraguaia Pedro Juan Caballero. Segundo GHETTI (2006), pode-se afirmar que a história das cidades dividiu-se em antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança, o conflito armado mais grave ocorrido na América Latina no período de 1864 a 1870. Os impactos dessa guerra foram mais drásticos para o Paraguai, pois grande parte da população, principalmente masculina, morreu.

Como apontado por PEREIRA (2002), as cidades-gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero se apresentam como uma “zona de intenso comércio e fluxo de pessoas”, de modo que a cidade paraguaia funciona como entreposto comercial de mercadorias norte-americanas, asiáticas e europeias, sendo possível encontrar migrantes que se deslocam para a região, a fim de comercializarem essas mercadorias ou, ainda, por razões políticas e em busca de colocação no mercado de trabalho.

A falta de integração e interação entre os Estados, somada às oportunidades de lucro oferecidas pela natureza das fronteiras, no sentido de passagem das mais diversas mercadorias e contato internacional, permitiu que essas regiões periféricas chegassem à situação em que hoje se encontram: domínio de cartéis narcotraficantes, contrabandistas, traficantes de armas, entre outros.

É nesse contexto que essa zona de fronteira interessa aos estudos de variações sociolinguísticas, a partir da descrição das atitudes linguísticas de brasileiros e paraguaios bem

como das práticas linguísticas resultantes das relações comerciais. Pretende-se verificar a variação sociolinguística presente nessa região, observando de que modos as línguas circulam e criam um ambiente linguístico de comunicação, informação e reconhecimento das comunidades linguísticas peculiares.

Variação sociolinguística

Conforme LABOV, 1969 (*apud* ESPINGA, ano 1997), a Sociolinguística é a parte da Linguística que faz seus estudos enfocando a língua, a cultura e a sociedade. Podemos afirmar que a língua e a sociedade são dois contextos que se relacionam de tal forma que é impossível pensar a existência de uma sem a outra. É dentro da sociedade, com suas características e particularidades, que as falas fluem, e a interação entre os indivíduos ocorre. O traço social da linguagem está ligado aos traços que se enraizaram, de forma muito profunda, na mente coletiva da comunidade linguística.

De acordo com PESSOA (2010), a Sociolinguística possibilita a investigação das atitudes linguísticas, do percurso linguístico de uma determinada comunidade e o estudo dos dialetos sociais em qualquer comunidade linguística. Nessas perspectivas, a Sociolinguística pesquisa segmentos sociais que caracterizam a realidade e o futuro linguístico de um povo, ao mesmo tempo em que busca compreender os fatores de variação e mudança linguística, analisando e divulgando as características da linguagem, da cultura e da sociedade pesquisada.

Linguagem, cultura e sociedade estão ligadas entre si por laços indissolúveis. Todos têm uma linguagem, fazem parte de

uma sociedade e possuem uma cultura que é a marca da história de suas vidas. Ninguém pode negar a indissolubilidade que há entre a linguagem e a sociedade, ou melhor, ainda não há como negar essa relação profunda, em que tais especificidades se juntam para culminar na expressão máxima da história da humanidade.

Segundo comenta BRIGHT, 1980 (*apud* ESPIGA, ano 1997), a importância da sociolinguística, desde as primeiras pesquisas de campo, consiste em romper com a tendência de tratar as línguas como se fossem uniformes, homogêneas, monolíticas em sua estrutura. O autor afirma que as diferenças encontradas na fala de uma comunidade vinham sendo “encobertas como variação livre”, o que não condizia com a realidade. Cabia, então, à sociolinguística “demonstrar que, na verdade, tal variação ou diversidade não é ‘livre’ mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas”.

E, ao tomar por base os estudos sociolinguísticos, segundo TARALLO, 2001 (*apud* MACIEL), pode-se afirmar que as diferentes formas de falar de uma determinada região estão inteiramente ligadas a fatores históricos, linguísticos e sociais, como gênero, idade, profissão, escolaridade do falante, o que leva a inferir que esses fatores influenciam diretamente na língua e na maneira característica do falar de cada indivíduo.

Variação sociolinguística na fronteira entre Brasil e Paraguai

De acordo com FERRARO (2011), considera-se a fronteira como um espaço de constantes trocas culturais. Costumes de identidade paraguaia foram assimilados na

identidade sul-mato-grossense, como o *tereré*, a culinária, as *polcas* e *guaranias*, entre outros. Por sua vez, a cultura brasileira também foi assimilada pela população fronteiriça do vizinho país, sendo que com maior intensidade: paraguaios falam o português, assistem aos canais brasileiros, ao futebol, e acompanham as notícias e as músicas do Brasil.

De forma geral, ao se analisar essa fronteira, nota-se que os contatos sociais, políticos e culturais vão criando condições para que, pouco a pouco, haja melhor comunicação. Nota-se que, nos eventos corriqueiros, nos contatos diários, os fronteiriços circulam e conversam de uma forma normal, e cada sujeito fala sua língua, mantendo certo grau de compreensão, mas conseguem se entender. Assim, diz-se que essa comunicação acontece independentemente do nível de domínio do código linguístico que cada um tem da língua do outro, já que os sujeitos são capazes de se fazer entender plenamente nesse espaço de circulação das duas línguas.

Desse modo, pode-se dizer que os falantes de uma língua estão em constante aprendizado, conceituando e atribuindo significados às novas palavras, que surgem para inteirar espaço em branco de seu sistema léxico gramatical, conforme ALBERTI, 2005 (*apud* MACIEL).

De acordo com PESSOA (2010):

A dimensão de variação linguística que é tratada em termos de escala língua-dialeto-idioleto foi introduzida antes em relação à ficção da homogeneidade. A diferença entre os termos sotaque e dialeto é que o sotaque é restrito à variedade de pronúncia, enquanto dialeto inclui também diferenças de gramática e de vocabulário. No uso do dia a dia são confundidos com frequência

e têm sido marcas para discriminação em vários níveis. A questão é que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma como certas diferenças lexicais e gramaticais entre dialetos o são.

Nota-se que muitas são as situações que levam um indivíduo a ter contato com duas ou mais línguas, e a usá-las em circunstâncias diversas. Comunidades de imigrantes ou indígenas que existem nessa região podem constituir comunidades bilíngues, reforçando a ideia de que o bilinguismo existe no Brasil. Considere-se que não há aqui intenção de analisar toda a complexidade linguística dessa região de fronteira, mas refletir sobre os contatos linguístico-sociais e as formas de integração entre brasileiros e paraguaios, a partir dos principais idiomas fronteiriços: o espanhol, o português e o guarani.

Em seu trabalho, LAFIN (2011) comenta:

[...] o contato entre elementos fronteiriços provoca a variação linguística; esta, por sua vez, costuma ser uma etapa prévia à mudança linguística, cuja definição expressa o seguinte fato: quando uma das variantes de uma determinada variável sobrepõe-se e passa a ser a única utilizada, já não se tem mais uma variável, mas sim uma mudança. É, portanto, um processo um tanto quanto mais estável que a variação, sendo este precedente àquele. Resumindo, nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação.

Ainda segundo ALVES, 2004 (*apud* MACIEL), a neologia na língua portuguesa vem recebendo influências de unidades le-

xicais de outros sistemas linguísticos, como Tupi, Guarani e Espanhol, que é a realidade da região de fronteira em questão. Os empréstimos linguísticos se dão por meio do contato mais próximo entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos, situação nitidamente observada na região de fronteira seca entre as cidades-gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Podemos ver, como exemplo, o trabalho de REIS, que menciona:

A título de exemplo, na análise do vocabulário pontaporanense, documentou-se a forte influência do guarani, como língua nativa usual na fronteira, que suplantou o uso do espanhol, língua transplantada; o entrelaçamento do português com os idiomas da fronteira gerou grande incidência de termos híbridos de base portuguesa, guarani e espanhola, como “*diaha-diabancea*” (brinquedos – “*balanço*” / em guarani / espanhol) ou variações nos três idiomas como “*queimada / jehapu / pelota*” (brinquedos – português / guarani / espanhol), “*tipo de galinha – angola / guinea / tokái*” (fauna – português / espanhol / guarani), “*estrela d'alva / lucero / lucero d'alva*” – (fenômenos atmosféricos – português / espanhol / espanhol-português), além de termos regionais e arcaísmos como “*bananas grudadas-gêmeas / melizzo / ikoe / kôî*” (flora – português / espanhol / guarani). Esses e outros exemplos denotam o entrelaçamento dos idiomas da fronteira que dão fisionomia própria a esse reduto e o fazem diferente, em termos linguísticos e culturais, das demais regiões sul-matogrossenses e brasileiras que não estão situadas em regiões de fronteira.

De acordo com FERRARO (2011), com o objetivo de reduzir as diferenças educacionais e culturais, foi criado o Pro-

grama Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira (PEIBF), que consiste em uma troca semanal de professores, chamada de *cruce*. São combinados dias da semana em que um professor paraguaio vai ao colégio brasileiro dar aula em espanhol e guarani, em contrapartida, um professor brasileiro vai ao colégio paraguaio dar aula em português. Desde 2009, dois colégios participam do programa: o João Calvoso (Ponta Porã) e o Defensores Del Chaco (Pedro Juan Caballero).

Em um estudo, CARVALHO (2010), complementa:

Uma análise que considera a heterogeneidade como parte integral da economia linguística local revela que nem uma nova língua é formada, nem as línguas são totalmente separadas, fenômeno que seria improvável, em se tratando de coexistência prolongada. Nessas comunidades, encontramos, por um lado, a preservação das fronteiras que separam as línguas como um aspecto essencial na organização social que condiciona a escolha de línguas e a alternância de códigos; por outro, uma complexa realidade híbrida, desafiando a noção do bilíngue ideal, que deve ser capaz de patrulhar as fronteiras linguísticas.

Assumir que a língua é mutável e que está atrelada aos aspectos sociais, políticos, culturais e ideológicos que a envolvem é reconhecer que os estudos e trabalhos científicos, partindo de uma determinada questão observada em nossa realidade, visam ao esclarecimento de tais fatos ou fenômenos. A língua varia de indivíduo para indivíduo (idioleto), mas também entre classes sociais, idade, nacionalidade, além de variar tanto na sua forma escrita, quanto falada.

Discussão

Com o estudo desenvolvido neste trabalho, através da bibliografia pesquisada, com as entrevistas realizadas com os militares selecionados, com a audição das rádios comerciais existentes na fronteira, foi ratificada a grande variação sociolinguística existente na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, nas proximidades de Ponta Porã.

Pode-se verificar o quanto é difícil para um militar de Comunicações, possuidor do Curso Básico de Guerra Eletrônica, trabalhar em um ambiente de fronteira. Com os relatos das entrevistas, percebe-se que é possível o militar entender o conteúdo das emissões em espanhol adquiridas nos trabalhos de GE, mas isso não é imediato. Se o militar não tiver nenhuma noção de espanhol, vai demorar meses até que se acostume com a língua e possa compreender o conteúdo.

A compreensão de uma parte do espanhol falado na região é facilitada, além da utilização dos recursos técnicos de tratamento dos áudios, pela variação sociolinguística existente na cidade de Ponta Porã. Os “brasiguaios” (nome dado aos indivíduos brasileiros ou paraguaios que nascem nessa fronteira), que falam o espanhol, têm como grande influência a proximidade da língua portuguesa, fazendo com que a língua espanhola falada tenha sotaque aproximado ao português, sendo de melhor compreensão do que um indivíduo falando o espanhol da Espanha. Isso foi verificado na audição das rádios comerciais da região.

Com os estudos bibliográficos realizados, fica nítida também a questão social, na variação sociolinguística da região. Quanto menos estudo ou grau de instrução tem a pes-

soa, pior fica a compreensão daquilo que ela quer dizer, ou seja, ela fala mais errado, com mais vícios, que uma pessoa com mais instrução. Isso fica mais nítido quando se menciona a região rural da fronteira, ou mesmo a parte mais do interior, longe dos centros urbanos.

Outro fator que influencia na variação sociolinguística é a questão política. Não quer dizer que o Brasil tenha autoridade no território paraguaio, mas como Ponta Porã é uma cidade mais desenvolvida que Pedro Juan Caballero, tem mais recursos, oferece melhores salários, moeda mais forte, tudo isso faz com que os paraguaios aprendam a falar o português e os brasileiros não deem tanta importância ao aprendizado do espanhol, se conformando, às vezes, com o “portunhol”. O comum é que os paraguaios falem entre si através do guarani ou espanhol, e os brasileiros se comuniquem pelo português, mas que todos se entendam pelas variações nos idiomas.

Também foi verificada a presença de outros idiomas, além do espanhol, guarani e português, como o árabe, justificado pela proximidade de uma comunidade árabe nessa região de fronteira. Há outros idiomas captados, como o chinês, indiano, japonês, mas esses podem ter sido frutos das características técnicas das emissões em HF que atingem distâncias continentais.

Outro fator importante citado foi a necessidade de se possuir um glossário ou banco de dados com termos, palavras, expressões e gírias referentes à região. É normal o uso de gírias para fazer alusão a palavras com outro significado, como, por exemplo, *aceite* (azeite, em português), que faz menção a drogas e não ao azeite propriamente dito.

Conclusão

O artigo buscou demonstrar a variação sociolinguística existente na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, na região de Ponta Porã-MS. Foi possível demonstrar a importância desse estudo para o melhor aproveitamento das atividades de Guerra Eletrônica na região e, com isso, ajudar ao operador e ao analista de Guerra Eletrônica a aperfeiçoar seus trabalhos nessa região.

A variação sociolinguística existe em todo o Brasil, graças ao tamanho do seu território, à sua grande variação social e cultural, mas fica mais evidenciada na região de fronteira. Com o estudo da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, fica evidente que, além de todos os fatores e variantes já citados, soma-se a isso a influência de outro povo, de outro país, onde praticamente não há fronteiras físicas separando as duas nações em questão. A variação sociolinguística torna-se ainda maior e mais enaltecida.

Foi verificado que há também a variação do espanhol com a língua guarani, muito falada no Paraguai. Quando existe mais a proximidade do espanhol com o guarani, fica muito difícil o entendimento. Existem situações em que há a mistura das línguas espanhola com a guarani, em que se usam termos ou expressões mescladas. Nessa situação, fica praticamente impossível entender o conteúdo das mensagens sem a ajuda de um intérprete, que seria um nativo que domina as três línguas: espanhol, guarani e português. Como sugestão para próximos estudos, poder-se-ia verificar a viabilidade de usar um intérprete, militar ou não, em uma atividade que envolve segurança e sigilo.

Com as entrevistas realizadas, pode-se verificar a importância do domínio da língua espanhola pelo militar que for trabalhar com GE no SISFRON nessa parte da fronteira. Aprender o guarani seria um tanto quanto inviável, pois demoraria muito tempo, visto ser uma língua de origem indígena e não ter relação com o espanhol ou mesmo com o português. Nesse caso, seria interessante dispor de um intérprete de confiança para o trabalho de compreensão das emissões, ou então existirem mili-

tares habilitados em espanhol, que consigam compreender o que se está falando nas emissões.

Com os estudos bibliográficos, com as audições das rádios comerciais e principalmente com as entrevistas realizadas com militares que trabalharam na região e sentiram *in loco* os problemas de se ter uma grande variação sociolinguística, fica demonstrada a importância do tema para a Guerra Eletrônica e o desenvolvimento dos seus trabalhos na região de fronteira. **REB**

Referências

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Manual de Campanha. Emprego da Guerra Eletrônica (C 34-1). Brasília, DF.

_____. Departamento de Ciência e Tecnologia. Centro de Comunicações e Guerra Eletrônica. Centro de Monitoramento de Fronteiras. Coletânea de extratos de documentos sobre o SISFRON de junho de 2013.

CARVALHO, Ana Maria. Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai. Campinas, 2010.

CORRÊA, Lúcia Salsa. História e Fronteira, O Sul de Mato Grosso 1870-1920. Campo Grande: Editora UCDB, 1999.

ESPIGA, Jorge Walter da Rocha. Influência do Espanhol na Variação da Lateral Pós-Vocálica do Português na Fronteira. Pelotas, 1997.

EPEX. SISFRON. Disponível em: <<http://www.epex.eb.mil.br/index.php/projetos/sisfron.html>> Acesso em: 03/03/17

FIEP. O Projeto SISFRON: Sua Justificativa, sua concepção, suas oportunidades e os benefícios esperados. Apresentação no Fórum FIEP à Indústria de Defesa no Estado do Paraná. 21 de julho de 2014.

GHETTI, Isabella Benini Lolli. Barreiras urbanas em cidades de fronteira: análise das cidades gêmeas Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY. Campinas, 2006.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FERRARO, Vicente Giaccagliini Júnior. A integração na fronteira seca: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). UFMS, Corumbá, 2011.

LAFIN, Gabrielle Carvalho. O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras. UFRGS, Porto Alegre, 2011.

MACIEL, Raquel Pereira. Neologia Lexical: Estudo dos sufixos verbais – AR e – IZAR na formação de novos léxicos do campo semântico da alimentação no português falado em Ponta Porã/Brasil – Pedro Juan Caballero/Paraguai. PG/UFMS.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO. Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília, 2009.

NETO E MORELLO, Helena Iracy Cerquiz Santos e Rosângela, Circulação de línguas na região de fronteira: o radiojornalismo nas cidades de Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (Amambay, Paraguai), 2011.

OLIVEIRA, Márcio Gimene de. A formação das cidades-gêmeas Ponta Porã-Pedro Juan Caballero. Foz do Iguaçu, 2011.

OTA, Daniela Cristiane. A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro. Universidade de São Paulo, 2006.

OTERO, Maria Mercedes. Pesquisa Qualitativa e Quantitativa. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

PEREIRA, J. H. V. Educação e fronteira: processos identitários de migrantes de diferentes etnias. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 2002.

PESSOA, Maria do Socorro. Sociolinguística aplicada ao ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa. UNIR, Rondônia, 2010.

REIS, Regiane Coelho Pereira. Atlas Linguístico do município de Ponta Porã-MS: Marcas Culturais e Linguísticas na fronteira do Brasil com o Paraguai. UFMS.

TORRECILHA, Maria Lúcia. A Fronteira, as Cidades e a Linha. 1ª edição. Campo Grande: Uniderp, 2004.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.